



Diferentes modos de ver a escola¹

Patrícia Oliveira de Freitas²

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, UFRRJ, Seropédica, RJ

Resumo

Esse texto apresenta parte de uma pesquisa de doutorado³ que pretendia perceber as relações estabelecidas, na escola, entre o brincar e o conteúdo televisivo. Entretanto, uma deriva, no meio da pesquisa, alterou seu objetivo, que então, buscou perceber e compreender, a partir da produção de imagens fotográficas da escola, que outros modos de ver a escola moram nos olhos das crianças. A pesquisa teve como campo empírico duas instituições públicas de educação básica. A primeira delas, o CAIC Paulo Dacorso Filho, localizada em Seropédica, no Rio de Janeiro, Brasil e a segunda, a Escola Dr. Francisco Sanches, em Braga, Portugal. Neste texto apresento as diferentes maneiras de ver e apresentar uma das escolas pesquisadas, ou seja, trago a perspectiva oficial e as dos alunos, ou seja, suas visões não-oficiais para o cotidiano desta escola.

Palavras-chave: fotografia; olhares; cotidiano escolar.

Iniciando a conversa...

Na pesquisa realizada, inicialmente, pretendia perceber as relações estabelecidas no cotidiano escolar entre o brincar e o conteúdo televisivo. Buscava investigar o que as crianças fazem com o que vêm na TV. Entretanto, ao vivenciar o cotidiano da escola, foi possível perceber a maneira como os alunos se envolviam e sinalizavam aspectos para os quais ainda não tinha me atentado. Assim, uma deriva no meio da pesquisa permitiu-me ver mais a partir dos interesses e das curiosidades delas.

Os modos de fazer e a multiplicidade de olhares das crianças me encantaram pela riqueza de possibilidades de reflexão e passaram a ser assumidos como pontos de vista privilegiados. A própria pesquisa sofreu, assim, uma inflexão passando do ver TV é brincar à discussão prioritária das imagens brincantes e diálogos instigantes produzidos pelas crianças cujos olhares eram reveladores de indícios que me instigaram. Através de fotografias produzidas pelas crianças, encontrei indícios, inclusive, de lógicas infantis, convidando a me interrogar, cada vez mais, sobre o ser criança em um mundo cada vez mais tecnológico.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Escola, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Educação – UFF, prof^a do Departamento de Economia Doméstica da UFRRJ. email: pfreitas@ufrj.br

³ Orientada pela prof^a Dra. Edwiges Zaccur, da UFF, e co-orientada pelo prof. Dr. Manuel Sarmento, da Universidade do Minho - UMINHO, em Braga, Portugal, no período da bolsa sanduíche, concedida pela CAPES.



O universo de investigação, foi constituído por duas instituições públicas de ensino. A primeira delas, o Centro de Atendimento Integral à Criança - CAIC Paulo Dacorso Filho, localizada no Município de Seropédica, no Rio de Janeiro, Brasil e a segunda, a Escola de Educação Básica 2, 3 Dr. Francisco Sanches, em Braga, Portugal.

O campo empírico da pesquisa foi composto por alunos do quarto e quinto anos de escolaridade, no Brasil e em Portugal, respectivamente, sendo 57 alunos brasileiros e 13 alunos portugueses, com idades entre 9 e quatorze 14 anos. Na escola brasileira, cada aluno produziu 3 fotografias, totalizando 171 imagens e na escola portuguesa cada aluno produziu 5 fotografias, totalizando 65 fotos.

Neste texto apresento as diferentes maneiras de ver e apresentar uma das escolas pesquisadas, o CAIC Paulo Dacorso Filho, ou seja, trago a perspectiva oficial e as dos alunos, ou seja, suas visões não-oficiais para o cotidiano desta escola.

O universo da pesquisa: o olhar institucional

Inicialmente faço uma apresentação do CAIC do ponto de vista institucional, ou seja, uma lógica oficial que irá contrastar com a maneira como a escola foi vista pela lente dos alunos que, com seus olhares de praticantes e com suas astúcias, encarregaram-se de mostrar à pesquisadora e aos leitores desta tese singularidades de um lugar que se apresenta como um espaço habitado.

Trago algumas informações sobre a escola a partir do documento, pretensamente objetivo, que recebi do diretor da direção da escola. Nesse material há uma descrição em que o espaço é apresentado.

Ao longo de seus 13 (treze) anos de existência, a unidade escolar nomeada CAIC Paulo Dacorso Filho acumulou uma história marcada pelo grave problema da falta de definição de sua identidade jurídica, ou melhor, da instabilidade na esfera administrativa de sua vinculação gestora, o que lhe expôs a recorrentes constrangimentos públicos. As influências das diferentes políticas públicas, decorrentes dos necessários processos políticos sucessórios – no âmbito nacional, estadual e municipal, têm afetado (...) diretamente, as relações sociais de trabalho no contexto escolar, contribuindo, decisivamente, para grandes impasses no processo de organização e desenvolvimento das atividades pedagógicas (PLANO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL DO CAIC, 2006, p.5).

O documento faz referência à forma de cessão da área para a construção do prédio:

mediante cessão em Comodato de área do campus Universitário da UFRRJ, datada de 10/04/1992, o prédio foi especialmente arquitetado em estrutura

pré-moldada, para o processo de escolarização e atendimento de crianças – em fase de Educação Infantil; e de adolescentes em fase de Educação Fundamental (PLANO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL DO CAIC, 2006, p.5).

E apresenta também sua estrutura física:

enfim, um bonito prédio foi edificado e inaugurado em 14/03/1993, ocupando parte dos 15.000 m² para ele destinados. Em linhas gerais, o conjunto dispõe de 5.590 m² de área construída – interligada por corredores largos e compridos, com a seguinte especificação: No andar **térreo** (a) bloco técnico-administrativo, com 06 salas de apoio aos serviços de Direção, Técnico-Pedagógicos, uma secretaria, uma sala para reuniões, um refeitório, área de serviço e vestiário dos funcionários, dois sanitários para alunos. (b) Biblioteca (com dois sanitários, uma sala para leitura e uma sala para multimeios). (c) Auditório (um camarim, duas salas de atividades múltiplas e dois sanitários). (d) Núcleo de Apoio à família com duas salas para atividades diversificadas com sanitários, dois apartamentos de Zelador, uma sala de repouso; (e) Área Médico-Odontológica com uma secretaria e quatro consultórios, uma sala para lactário, um almoxarifado para medicamento e duas salas de espera, um almoxarifado central. (f) Área da pré-escola com 10 salas de aula, um refeitório com área de serviço, dois almoxarifados, uma secretaria com ante-sala, um vestiário para funcionários. (g) No andar **superior** estão disponíveis 12 salas de aula, uma sala de professor com toilettes e dois depósitos. Em área contígua foi construído um ginásio coberto para a prática de esportes, havendo ainda uma área reservada para a prática de esportes ao ar livre. Vale registrar a existência de dois parques recreativos, em área especialmente reservada para proteger as salas de aula de ruídos típicos destes espaços (PLANO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL DO CAIC, 2006, p.5-6).

Ao trazer a “descrição” da escola, minha intenção é pensar na diferença entre a maneira de apresentar a escola num documento oficial e a partir das fotografias feitas pelos alunos. Além disso, quero destacar alguns espaços que, embora não estejam assinalados na representação gráfica das instalações da escola, foram registrados pelos alunos para apresentá-la. Nesse caso, refiro-me a espaços como o estacionamento, a horta, as escadarias e mesmo a fachada da escola que ficaram invisibilizados na descrição da escola, mas visíveis a partir dos registros dos alunos.

A descrição escola pode ser pensada como um mapa, dentre os muitos mapas possíveis, em diferentes escalas e com grau de pormenores diferenciados, segundo o que se deseja destacar. Tal forma de apresentar representa uma determinada projeção do ponto de vista oficial, representando uma determinada concepção do espaço e das possibilidades de seu uso.

O próprio documento citado anteriormente, ao descrever a escola, evoca uma “imagem” desse espaço, apresenta uma visão ate certo ponto burocratizada, enfatizando

aspectos funcionais, onde cada espaço é dedicado a um objetivo específico. As crianças, de outro modo, apresentaram a escola como um espaço habitado. Essas formas de apresentação se contrapõem: de um lado, uma escola abstrata descrita de forma aparentemente neutra e objetiva e, de outro, a escola vivida pelos seus praticantes. Penso que essas perspectivas se aproximam das noções de mapa e de percurso, desenvolvidas por Certeau. *Mapa* poderia ser associado aqui à própria descrição oficial da escola e o *percurso* às caminhadas que fizemos pela escola pontilhadas pelos diferentes olhares dos alunos materializados nas imagens fotográficas produzidas.

Os olhares dos praticantes

Para a produção das imagens, sugeri que cada aluno fizesse registros para apresentar a escola para quem não a conhecia. Mais do que cumprir o combinado, ousaram me propor outra coisa, agindo como protagonistas, descobrindo muitos modos de ver a escola e me chamando a descobrir seus saberes e lógicas que se indiciavam nas fotografias produzidas.

Antes mesmo de apresentar algumas das imagens produzidas destaco algumas questões sobre a produção das fotografias pelos alunos: (i) *A surpresa de saber que elas poderiam fazer as fotos com a minha máquina*. Alguns alunos, ao vivenciarem tal situação, fizeram-me pensar que talvez parte deles nunca tenha exercido esse papel. Estavam experimentando uma novidade: poder utilizar um material sofisticado, que pertence à pesquisadora, mas na condição de sujeitos. Certamente eles viveram situações semelhantes, mas na condição de objeto a ser fotografado e não como sujeito da ação; (ii) *A inclusão recorrente das crianças nos espaços fotografados*. Elas pareciam estar me ensinado que a escola é um espaço habitado. Ao contrário de mim, que buscava registrar os objetos (nesse caso, a escola), eles capturaram a dinâmica das pessoas no espaço. Nas fotos, percebemos um movimento das crianças, que raramente ficaram paradas, como nas fotos tradicionais; (iii) *A recusa das professoras em se deixarem fotografar*. Por que será que elas não queriam se deixar fotografar? Medo? Receio? Desconfiança? As professoras pareciam estar preocupadas com o uso da imagem. Talvez elas estivessem questionando a necessidade do consentimento. Antes de permitir o registro, elas podiam querer saber o que seria feito das imagens. Assim, quando aceitavam, estavam consentindo e, quando negavam, estavam pondo em questão as intenções; (iv) *A preocupação com a estética das fotos, levando ao descarte de algumas imagens, procedimento possível pelo uso da*

máquina digital. Até que ponto a preocupação com a estética das fotos tem a ver com algo apreendido nas tomadas que aparecem na televisão?.

Na pesquisa, as fotografias assumiram a característica de um texto visual e trazem em si múltiplas formas de expressão, afastando-se da perspectiva de mera ilustração. Nessa mesma direção, vale pensar na importância do visual destacada por Cardarello, *et al* que reconhecem:

[...] o visual como mais que um mero substituto da escrita – um dialeto diferente para dizer, no fundo, a mesmíssima coisa. Começamos a reconhecê-lo como idioma de riquezas próprias. Usando a linguagem visual não simplesmente para traduzir idéias oriundas da escrita, mas também para repensar a realidade em estudo, o pesquisador é levado a caminhos inesperados de exploração, em particular, na dimensão estética da vida. (CARDARELLO, et al, 2006, p.281)

O contexto da investigação, na escola brasileira, foco deste texto, foi constituído pelas duas turmas de quarta série somavam 57 alunos, sendo 23 meninas e 34 meninos. A idade deles variava entre 9 e 14 anos.

A partir do trabalho desenvolvido com os alunos, a escola passa a ser apresentada sob a sua ótica, uma ótica não oficial, uma ótica de praticante, uma perspectiva de quem vive o lugar como um espaço praticado, diferentemente de uma escola que poderia ter sido mostrada apenas pela ótica oficial. É com a ajuda das imagens produzidas que pretendo convidar o leitor a visitar o CAIC, a partir do *click* das crianças, sujeitos da pesquisa.

No foco das imagens produzidas: o espaço como lugar praticado

Busco aqui refletir acerca das maneiras de ocupação do espaço pelas crianças do CAIC durante a produção das imagens fotográficas da escola para a pesquisa. Certeau trata, com muita propriedade, das maneiras de fazer dos sujeitos comuns e das táticas por eles utilizadas.

Nosso passeio, um pouco ao modo de um *flaneur*, aparentemente despreocupado mas atento, terá início com algumas imagens feitas pelas crianças. Elas apresentam a escola a partir de alguns marcos, nos quais tanto o nome quanto os gestores e as esferas de poder que legitimaram a criação do estabelecimento aparecem como aspectos importantes da identidade do espaço. Elas parecem se dar conta de que essa escola é diferente das outras da região; nela há uma mistura de instâncias de poder.

Nas imagens a seguir, os alunos dão conta de registrar a escola como um patrimônio, resgatando um pouco de sua história por meio dos marcos oficiais.

A história oficial com zoom e enquadramentos diferenciados



Figura 1 – Tavares 06/11/2006



Figura 2 – Rayanne 13/11/2006



Figura 3 - Rayanne 13/11/2006

Ao rever essas imagens produzidas por Rayanne e Tavares, fui levada a pensar num sentimento de história que talvez estivesse presente nas intenções delas (ou nas minhas). Resolvi ouvir a conversa gravada durante essa produção e encontrei, numa frase do Tavares, autor da fotografia 1, ecos desta minha leitura. Ele disse, apontando para a placa da escola, que iria registrá-la e, em meio a algumas brincadeiras que os meninos estavam fazendo ao longo do nosso percurso até a cena a ser registrada: *eu acho que tem que marcar alguma coisa com história*. De repente alguém sugeriu uma foto do chão. O menino fotografou a placa, viu o resultado, descartou a foto, fez outra que disse ter ficado boa. A conversa continuou...

Moisés: *Você desperdiçou uma foto tirando da placa.*

Tavares: *E você queria fazer foto do chão e do seu pé.*

Moisés: *Mas o meu pé é bonito.*

Nesse diálogo dos meninos, é possível perceber a multiplicidade de visões. Um representando a ordem oficial, fotografando o que mais fortemente marca esse lugar e o outro subvertendo/desconstruindo a ordem oficial – “por que não o meu pé”. Cada um, do seu modo, acha que a sua idéia é a melhor e que o registro do colega é menos importante. Notei, algumas vezes, um certo descontentamento quando alguém dizia o que ia fotografar e um colega retrucava: *puxa, essa era a minha idéia* ou *essa era a foto que eu ia fazer*. Um menino chegou a dizer para o colega: *caramba, ah, essa não!*. Seu espanto tinha um quê de protesto: o colega iria fazer a foto da horta que ele pretendia registrar.

Nos diferentes grupos formados para a produção das fotos, as crianças não sabiam o que já tinha sido registrado pelos colegas dos outros grupos. Algumas

vezes, aqueles que tinham mais intimidade com a máquina procuravam ver as imagens produzidas anteriormente e às vezes riam dos registros de seus colegas. Diante de outras imagens, diziam *maneiro*, *irado*, *bonito* e assim por diante.

Para além do que eles capturaram ou pretendiam capturar, suas fotos despertaram para outras possibilidades de ver/perceber contidas na imagem. Da Ros mostra esse aspecto, quando diz que “a imagem porta significados múltiplos, cuja interpretação varia culturalmente conforme o lugar social do sujeito que a lê e da matriz epistemológica que permeia sua interpretação” (DA ROS, 2006, p.114). Aos poucos fui percebendo, crescentemente na prática e na teoria a riqueza do ato fotográfico.

Nas falas das crianças são percebidos acentos apreciativos em torno da ação do outro, à qual não ficavam indiferentes. O fazer do colega era algo que os envolvia, fosse para concordar, para dizer que ficara bonito, ou para discordar e dizer que ficara ruim. Muitas vezes os colegas sugeriam a cena a ser fotografada: *lá atrás; biblioteca, biblioteca; eu, eu, tira de mim; eba no jardim, tira a minha; do banheiro; da professora; vamos num lugar maneiro; o céu estrelado; o parquinho*.

Mesmo quem não estava com a máquina na mão, queria influir. Seguindo adiante e adentrando à escola, passamos pelo mastro das bandeiras, que foi registrado por alguns alunos em diferentes perspectivas. Alguns focalizaram o mastro no nível do chão e outros o fizeram a foto do alto, a partir de um *mirante*.

Bandeiras ao vento



Figura 4 – Gouveia 06/11/2006



Figura 5 – Beatriz 04/10/2006



Figura 6 – Fabrício 06/11/2006

Para a produção de algumas imagens, os alunos parecem tentar capturar uma visão ampla da escola. É o caso das fotos do pátio, que ressaltam mais os aspectos da construção em si, embora também haja espaço para a inclusão dos seus habitantes.

Em um dia chuvoso, Miguel tirou uma foto (7) do céu. Essa imagem talvez seja mais uma tentativa de registrar uma dimensão da escola que excede limites dados. Essa imagem me surpreendeu, pois tinha pedido que eles fizessem fotos da escola, e, na minha

visão, talvez o céu não fizesse parte da escola. Revendo essas imagens e tentando refletir sobre o que elas me traziam, surpreendi-me e vi muito mais coisas a partir dos olhares deles. Destaco que, em muitas situações da pesquisa, os alunos me mostraram coisas que eu nem sequer imaginava incluir no texto, caso a apresentação do CAIC tivesse ficado sob minha responsabilidade apenas.

O céu do CAIC



Figura 7 – Miguel 13/11/2006

Ao pensar na sensação de surpresas que as fotografias de Miguel e de outros alunos me proporcionaram, acompanho Sontag quando afirma que: “Ao ensinar-nos um novo código visual, as fotos modificam e ampliam nossas idéias sobre o que vale a pena olhar e o que temos o direito de observar. Constituem uma gramática e, mais importante ainda, uma ética do ver”. (SONTAG 2004, p.13) Teria o menino vislumbrado o sol que tentava aparecer entre as nuvens?

Os registros dos alunos são um convite a pensar com Santaella, quando ressalta que “outra dualidade da fotografia encontra-se na oposição entre dois extremos que nela se conciliam: de um lado, o único, singular; de outro, o infinito”. (SANTAELLA: 2008, p.126).

A quadra foi também um lugar eleito pela lente das crianças para apresentar a escola. Novamente seus registros incluíram desde os aspectos arquitetônicos até os diferentes usos desse espaço, que freqüentemente é utilizado para a formação das turmas nos dias de sol ou chuva, assim como também para a prática de atividades físicas, competições, festas, gincanas e apresentações em geral.

Algumas fotos da quadra trazem uma visão arquitetônica da escola cujo formato da quadra apresenta uma peculiaridade. Considero que, ao capturar esses ângulos, os fotógrafos talvez quisessem ressaltar as marcas que distinguem essa escola das outras escolas da região. Na breve conversa a seguir, o interesse pelo

registro da construção (foto 8) parece ser a intenção da Tavares, que rejeita a sugestão de seu colega.

Pesquisadora: *E agora vai fazer foto do quê?*

Moisés: *Faz daquele negócio que a gente faz com a mão* (acho que ele se referiu a alguma brincadeira)

Tavares: *Quero fazer da quadra, assim para mostrar a quadra toda.*

O registro do Tavares, de algum modo, fez-me lembrar de uma foto que eu fizera, do CAIC e que pretendia usar para apresentá-lo na tese, antes de as crianças assumirem essa responsabilidade. A imagem que cito foi uma foto feita, no caminho da escola para a Universidade Rural, usando o meu celular. Para produzi-la, busquei um certo distanciamento com a intenção de *mostrar o CAIC todo*, como Tavares também queria *mostrar a quadra toda*. No entanto, vale ressaltar, *vi o CAIC todo nos muitos detalhes que seus praticantes registraram.*

A quadra: múltiplos usos

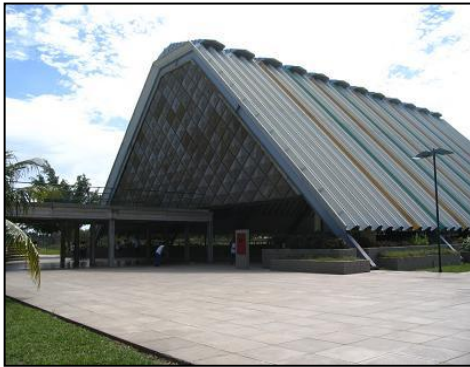


Figura 8 – Tavares 06/11/2006



Figura 9 – Wilian 04/10/2006

Em relação ainda às fotos da quadra, trago um diálogo com uma aluna que tentou registrar apenas a quadra:

Pesquisadora: *O que você quer?*

Gilciene: *Eu queria da quadra, vou pedir licença.*

Pesquisadora: *Vai pedir o quê?*

Gilciene: *Vou pedir licença.*

Pesquisadora: *Não pode, não, Gilciene.* (Ela queria que eu tirasse todos que lá estavam).

Pesquisadora: *Você quer tirar de dentro da quadra, de fora da quadra, o que você quer?*

Quando disse para Gilciene que não poderia pedir licença, não pretendia tolher seu desejo de registrar a quadra, mas, sim, apontar-lhes a impossibilidade de interromper uma aula em curso para que ela pudesse fazer o registro do espaço, da maneira como gostaria.

Diante da impossibilidade de interrupção da atividade, fomos ao andar superior, uma parte da escola onde não se pode ir normalmente. Lá Gilciene fez uma foto externa da quadra, apresentada na figura 34, que incluiu parte do pátio da escola. Depois de caminharmos um pouco para a foto dos colegas, ela disse: *eu ia tirar da quadra, pode escrever aí. Gilciene ia tirar uma foto da quadra. Só não tirou por causa dos pivetes.*



Figura 10 – Gilciene 13/11/2006

Ao dizer *pode escrever aí*, Gilciene me mostra sua consciência em relação à pesquisa, ela sabe claramente que não está apenas fazendo fotos da escola, mas que essas imagens têm uma intencionalidade para além da minha pesquisa. Mais que isso, ela parece intuir que sua fala é também parte desse processo e que sua vontade precisa ser registrada, mesmo que não efetivamente realizada.

Algumas das imagens produzidas me fizeram pensar na dificuldade de capturar a intenção fugidia presente em uma foto. Carnicel aponta que “as imagens não são exatamente o que se vê, o que se pensa que é o real – são tão polissêmicas quanto a palavra”. (CARNICEL, 2003, p.3).

As fotografias produzidas pelos alunos, permitem pensar que, ao escolher fotografar de um mirante, ou seja, de lugar no alto de onde é possível ver de forma mais abrangente, os alunos estivessem indiciando que, embora a escola tente programar, formatar e direcionar seus interesses, eles, por sua vez, não se deixam capturar completamente. As crianças, como diria Andrade, agiam de modo a “ver com olhos livres”. E, assim, exerciam a condição de sujeito capaz de “[...] caçar suas imagens, suas palavras, sua ciência”. (ANDRADE: 2002: 29).

A possibilidade, de *ver com olhos livres*, apontada por Andrade, fez-me pensar como os diferentes sujeitos vivem determinadas situações de forma diversa. Para alguns, essa atividade pode ter assumido o sentido de experiência, como Larrosa me faz

ver, ou seja, como algo *que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca* e, provavelmente, faz com que eles continuem pensando sobre esse acontecimento e, para outros, o sentido apenas de uma vivência, algo que, aparentemente, esgota-se ali mesmo. Vale, assim, destacar que cada Vale, assim, destacar que cada praticante viveu, a seu modo, essa atividade.

Diante das imagens apresentadas aqui, e de tantas outras produzidas pelas crianças, busco a reflexão de Certeau sobre as caminhadas para perceber como elas criaram, recriaram, transformaram o espaço por elas praticado. Como afirma Certeau:

se é verdade que existe uma ordem espacial que organiza um conjunto de possibilidades (por exemplo, um local por onde é permitido circular) e proibições (por exemplo, um muro que impede prosseguir), o caminhante atualiza algumas delas. Deste modo, ele tanto as faz ser como aparecer. Mas também as desloca e inventa outras, pois as idas e vindas, as variações ou as improvisações da caminhada privilegiam, mudam ou deixam de lado elementos espaciais... Da mesma forma, o caminhante transforma em outra coisa cada significante espacial. E se, de um lado, ele torna efetivas algumas somente das possibilidades fixadas pela ordem construída (vai somente por aqui, mas não por lá), do outro aumenta o número dos possíveis (por exemplo, criando atalhos ou desvios) e o dos interditos (por exemplo, ele se proíbe de ir por caminhos considerados lícitos ou obrigatórios). Seleciona portanto. (CERTEAU, 2004, p.177-8).

Nos registros do espaço escolar - múltiplas possibilidades de expressão

Nos modos de fazer as fotografias, os sujeitos da pesquisa, mostraram diferentes maneiras de olhar. Percebi que eles pareciam adotar um olhar livre e explorador, na medida em que planejaram individualmente as cenas capturadas, revelando também, no seu jeito de fotografar, um olhar afetivo tanto em relação ao espaço quanto em relação aos outros praticantes do cotidiano de suas escolas. Na condição de fotógrafos, eles agiram mostrando aspectos que transcendem os significados institucionais e funcionais do lugar, era o lugar habitado ou focado sob o olhar e interesses de seus habitantes que prevalecia.

Um outro aspecto que seus registros permitiram perceber diz respeito à fotografia em si. Eles mostraram, a partir das cenas reveladas, como alguns elementos *invisíveis* ou invisibilizados no cotidiano se tornaram *visíveis* a partir das imagens produzidas. Permitiram também perceber que o *mesmo*, ou seja, aquilo que vários alunos fotografaram, assumiu sentido de algo *único*, singular, para cada um dos sujeitos praticantes. À sua maneira, cada aluno apresentou uma forma própria de ver, sentir e

viver a escola. Desse modo, a tessitura do trabalho permitiu perceber convergências entre a pesquisa com o cotidiano e o fazer fotográfico, mostrando, por exemplo, como as cenas do cotidiano e as imagens fotográficas são irrepetíveis e que, mesmo produzindo fotos de uma mesma cena/motivo, os alunos as fizeram de modo a ressaltar que o mesmo nunca é o mesmo. Pude, acompanhando tais fazeres, problematizar o único e o múltiplo.

Ao capturar as cenas, eles parecem ter atribuído múltiplos sentidos às suas fotografias. Houve quem optasse pelo detalhe e quem preferisse enquadrar uma cena aberta. Além disso, o fazer fotos se apresentou como possibilidade para que os alunos caminhassem por locais não autorizados cotidianamente, driblando algumas normas e condições estabelecidas pelos que exerciam o poder institucionalizado. A máquina fotográfica permitiu a muitos deles se projetar através da lente, indo a partir do zoom a lugares de difícil acesso ou mesmo interditados.

A multiplicidade de olhares dos alunos me mostrou a impossibilidade de tecer generalizações. Eles tinham interesses e modos de focar diversos e era essa riqueza que me apaixonava. As fotografias produzidas me permitiram perceber que eles me apresentavam sua escola partindo de marcas que faziam sentido para eles.

A partir dos olhares dos sujeitos da pesquisa, percebi que a escola, mesmo sendo um lugar marcado pela regulação e pelo controle, também é um espaço onde seus praticantes encontram, através de suas astúcias, outras formas de vivê-la e senti-la.

Minha pesquisa não pretendeu mostrar quem está certo ou quem está errado, buscando, antes, sinalizar justamente para essa diversidade de olhares. O mesmo não é o mesmo. Há outros modos de olhar e ver, dependendo de quem olha e de onde olha.

Nas conversas que tivemos durante a produção das imagens, pude perceber que nos seus enunciados os alunos estavam constituindo o CAIC, como bem salientou Veiga-Neto:

[...] o que dizemos sobre as coisas nem são as próprias coisas (como imaginava o pensamento mágico), nem são uma representação das coisas (como imaginava o pensamento moderno); ao falarmos sobre as coisas, nós as constituímos. Em outras palavras, os enunciados fazem mais do que uma representação do mundo; eles produzem o mundo (VEIGA-NETO, 2002: 31).

Assim, num misto de imagens e falas, conhecemos como parece ser o CAIC para os sujeitos desta pesquisa. Retorno a Veiga-Neto na tentativa de compreender essas produções:



[...] todos os entendimentos sobre o mundo ... se dão em combinações flutuantes entre olhares e enunciados, entre visão e palavra, entre formações não discursivas e formações discursivas. Não há um porto seguro, onde possamos ancorar nossa perspectiva de análise, para, a partir dali, conhecer a realidade. (VEIGA-NETO, 2002: 33-4).

Referências bibliográficas

ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e Antropologia: olhares fora-dentro**. São Paulo: Estação Liberdade; EDUC, 2002, 132p.

CARDARELLO, Andréa, *et al.* Nos bastidores de um vídeo etnográfico. In: FELDMAN-BIANCO, Bela, MOREIRA LEITE, Miriam Lifchitz (orgs). **Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. 5.ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2006. p.269-287.

CARNICEL, Amarildo. Fotografia e inquietação: uma leitura vertical da imagem a partir da relação fotógrafo-fotografado. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 23., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Disponível em: <<http://intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003NP15carnicel.pdf>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2009.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1- as artes de fazer**; tradução de Ephraim Ferreira Alves. 10 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004. 351p.

DA ROS, Silvia Zanatta, et al. O ensinar e aprender, a pesquisa e a “sociedade da imagem”: apontamentos. In: **Imagens: intervenção e pesquisa**. DA ROS, Silvia Zanatta et al. (orgs). Florianópolis: Editora da UFSC: NUP/CED/UFSC, 2006. p.101-117

Plano de Desenvolvimento Institucional do CAIC. 2006, 22p. (mimeo).

SANTAELLA, Lucia e NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2008. 222 p.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, 223p.

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares... . In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p.23-38.